Estudo sobre a coerência e o discurso literário na língua inglesa.

Artigo elaborado como disciplina do curso Doutorado em Letras da Universidad Internacional Tres Fronterais.

Stélio Thauassu Rabelo Ferreira*

> Com seu textos (que não são nunca simples artigos), reconhecemos sempre a generosidade de um homem que parece escutar o leitor e emprestar-lhe um pouco da sua inteligência, mesmo nos assuntos mais particulares, mais improváveis. Lemos outros linguistas (é indispensável), mas gostamos de Benveniste.
>
> (Roland Barthes)

Resumo

O conceito de coerência tende a ser considerado como uma noção textual (Toolan 2012). Tem sido metodicamente discutido também nas teorias do discurso, ou seja, em uma teoria social do discurso (Fairclough, 2010). Tomando uma abordagem que combina metodologicamente e teoricamente várias áreas do estudo linguístico, este capítulo visa a exploração da coerência no discurso literário. Mais especificamente, reúne observações relevantes e referências à leitura e compreensão de mensagens implícitas em narrativas literárias a partir de perspectivas linguísticas funcionais, pragmáticas e cognitivas. Em breve, procedemos a uma explicação do conceito em narrativa, considerando a coerência como uma característica importante da narrativa (literária). Analisando aspectos e subtipos de coerência em romances e contos, percebemos o discurso literário como uma estrutura de múltiplas camadas em que "as características comunicativas de um texto literário são a fonte de coerência do significado literário" (Kikuchi 2007: 2). O capítulo também aborda algumas questões problemáticas, como a noção de literariedade e discurso literário, resultando em

---

* Doutorado em letras e Linguística pela Universidade Internacional Três Fronteiras. Mestrado em Letras e linguística pela Universidade Internacional Três Fronteiras. Especialista em Ensino Aprendizagem da Língua Portuguesa e Literatura pela UFPA. Graduado em Letras/Inglês pela Unama-Pa.

um tipo de leitura diferente daquela estudada na pesquisa de processamento de discurso convencional (cf. Miall, 2002). A relevância dos conceitos pragmáticos de cooperatividade e polidez no estudo da coerência nas narrativas literárias é discutida mais adiante; exemplos de discurso literário são fornecidos para ilustrar estágios e tipos específicos de processos inferenciais. O capítulo prossegue com a implementação de descobertas recentes de pesquisa em psicologia cognitiva como pertencentes a processos de leitura e compreensão do discurso e às formas em que a informação textual é armazenada e recuperada da memória (cf. van Dijk 1978) e conclui numa discussão sobre a dominância da coerência em determinados elementos da estrutura genérica de narrativa literária tão intimamente relacionada às características do gênero e registro.

palavra –chave: Coerência, discurso, linguística.

Abstract

The concept of coherence has tended to be regarded as a textlinguistic notion (Toolan 2012). It has been methodically discussed also in theories of discourse, namely in a social theory of discourse (Fairclough 2010). Taking an approach which blends methodologically and theoretically various areas of linguistic study, this chapter aims at exploration of coherence in literary discourse. More specifically, it brings together relevant observations and references to reading and understanding implied messages in literary narratives from functional, pragmatic and cognitive linguistic perspectives. Soon we proceed to an explication of the concept in narratology, regarding coherence as an important feature of (literary) narrative. Analysing aspects and subtypes of coherence in novels and short stories, we perceive literary discourse as a multi-layered structure where “the communicative characteristics of a literary text are the source of coherence of literary significance” (Kikuchi 2007: 2). The chapter also addresses some problematic issues, such as the notion of literariness and literary discourse as resulting in a type of reading different from that studied in mainstream discourse processing research (cf. Miall 2002). The relevance of pragmatic concepts of cooperativeness and politeness in the study of coherence in literary narratives is further discussed; examples of literary discourse are provided to illustrate specific stages and types of inferential processes.

The chapter proceeds to implementing recent findings of research in cognitive psychology as pertaining to processes of the reading and comprehension of discourse and to the ways textual information is stored in, and retrieved from, memory (cf. van Dijk 1978) and concludes in a discussion of the dominance of coherence in particular elements of the generic structure of literary narrative as closely related to genre and register characteristics.

key-word. Coherence, discourse, linguistic.

1. Introdução

O processo de interpretar textos é melhor visto como análogo à interpretação do contexto da situação. O leitor tenta dar sentido a uma interação complexa entre as sugestões e os recursos do leitor. De fato, os recursos do leitor são, com efeito, um mapa mental da ordem social (cf. Fairclough, 2010). Podemos ver esses mapas mentais como interpretações particulares das realidades sociais. No entanto, um mapa mental é necessariamente apenas uma interpretação das realidades sociais e é aberto a muitas interpretações, política e ideologicamente investidas (Fairclough 2010: 83). A importância do contexto da situação nos leva à percepção de que visualizar o contexto da situação em termos de mapas mentais permite ao leitor ler e compreender o texto em dois níveis. O primeiro nível pode ser caracterizado como leitura da situação: certos elementos são colocados em primeiro plano, enquanto outros são baseados em segundo plano, todos os elementos sendo relacionados entre si de várias maneiras. No segundo nível, o leitor está ciente de certas especificações que são relevantes para o tipo de discurso em particular com o qual ele está lidando.

As diferenças entre os tipos de discurso são importantes em muitos aspectos, por exemplo, socialmente quando o leitor compreende elementos particulares de contexto e situação com base em seu contexto social e complexo experiencial. Desta forma, os componentes de ação de um texto ou de suas partes criam o que é geralmente denominado como a força do texto (cf. Fairclough, 2010, de Beaugrande e Dressler, 1981). A força do texto está relacionada à sua coerência em muitos aspectos. Coerência é geralmente entendida como uma propriedade de textos, mas alguns autores sugerem vê-la como uma propriedade de interpretações

Em geral, um texto é coerente quando suas partes constituintes são significativamente relacionadas, de modo que o texto como um todo faz sentido. Isso não exige ou garante automaticamente a explicitação de marcadores formais dessas relações significativas, e a abertura de um texto pode variar; sua coerência pode ser mais ou menos incompleta e falta de vínculos coesos (van Peer 1989: 279). Ainda assim, o leitor geralmente é capaz de integrar e inferir a mensagem em um texto literário.

Várias teorias e abordagens concentram-se em vários aspectos da coerência. Alguns deles buscam respostas que identifiquem o papel de um pretexto na interpretação de um texto literário, apontando especificidades do contexto de criação e contexto de recepção (cf. Widdowson 2004, 2012). Em uma teoria social do discurso, a função ideológica da coerência tem sido enfatizada (Fairclough, 2010: 84). A ideia principal vem da nossa crença de que um texto faz sentido apenas para um leitor que é capaz de inferir relações significativas na ausência de marcadores explícitos. Como enfatizado por Fairclough (ibid .: 83-84), a maneira particular pela qual uma leitura coerente é gerada para um texto depende da natureza dos princípios interpretativos que o leitor utiliza. Estes estão associados a determinados tipos de discurso de certas formas naturalizadas.

Lidando especificamente com o discurso literário, primeiro precisamos identificar a coerência em uma variedade de concepções e aplicações.

2 Abordagens à coerência

Uma visão interdisciplinar complexa por excelência da noção de coerência foi fornecida por Toolan em seu capítulo sobre coerência no The Living Handbook of Narratology (2012: 1-47). Apontando alguns critérios definidores de coerência como um termo técnico, a saber, a suposição geralmente aceita de que a coerência denota aquelas qualidades na estrutura do texto literário que levam o leitor a perceber o texto como "fazendo sentido" com todas as partes se encaixando bem " ele revela uma compreensão da coerência como uma noção textualista. No entanto, como muitos linguistas de texto demonstraram, há uma

tensão na análise linguística da coerência baseada no alto nível de generalização das regras de coerência na linguística do texto. Mais especificamente, essas regras são muito gerais para refletir interfaces e interações exclusivas entre um texto específico e seus contextos. Também os leitores avaliarão diferentemente o que é informação relevante nas circunstâncias discursivas únicas. Como Toolan (2012: 2) ainda aponta, esta tensão é frequentemente resumida como uma distinção entre coesão (puramente linguística) e coerência (contextualizada).

Especificamente por razões metodológicas, podemos querer distinguir claramente entre os dois - as regras linguísticas de construção de texto (na análise linguística do texto) e mensagens contextualizadas (desdobramento da coerência no texto). Para o leitor, é crucial identificar o que descrever como uma situação e o que criar como um contexto mental para interpretação significativa de um texto (cf. Komlósi 2012: 22). A relação tensa entre as características formais e os elementos dos textos, de um lado, e suas qualidades estéticas únicas e mensagens implícitas, de outro, tem sido discutida muitas vezes na história dos estudos linguísticos e da crítica literária. O imenso esforço dos representantes do Círculo Linguístico de Praga para evitar análises mecânicas de textos pode servir como um dos muitos exemplos. Acrescentando outras dimensões às suas análises de texto, a saber, a perspectiva funcionalista, ajudou a defender seus métodos de trabalho (cf. Jakobson 1960).

A importância da coesão e da coerência foi reconhecida nos estudos linguísticos em texto. Em sua lista de critérios principais de texto, Beaugrande e Dressler (1981) colocam a coesão e a coerência no topo de sua escala; ambos são descritos como recursos mais contributivos e propriedades de criação de texto. Por exemplo, em uma estrutura de texto narrativo, a coerência desempenha um papel importante. Da mesma forma que qualquer análise de texto, na análise da narrativa é comum incluir a descrição linguística dos meios de linguagem usados em qualquer nível de linguagem na forma de um julgamento preliminar de qualidades de texto levando a uma análise multicamada mais focada de meios expressivos e dispositivos estilísticos. (Miššíková 2007: 51). Os conectivos coesos de texto interno são geralmente discutidos dentro do nível sintático do texto, levando-nos ainda mais para as unidades sintáticas maiores, onde as

mensagens de texto são consideradas em contextos mais amplos. Coerência, comumente definida como texto-qualidade externa do texto, torna-se, assim, uma característica importante da narrativa. Na linguística do texto, vários subtipos de coerência são identificados, tais como a coerência temporal, causal e temática como tópico de manutenção e manutenção (Toolan 2012: 4). Seguindo a discussão sobre características típicas da narrativa, como repetição e quase repetição, a tensão entre o conceito de coesão e coerência é palpável. Em obras clássicas sobre linguagem na literatura e na coesão estilística, “refere-se a todas as formas linguísticas nas quais as palavras de uma passagem, através de sentenças, se referem ou se vinculam” (Toolan 1998: 23); é visto como qualidade interna de texto. Mais recentemente, as repetições e referências cruzadas foram reconhecidas como recursos que proporcionam a coerência do texto. A coerência é definida como a qualidade do texto externo que visa a percepção do leitor e dá sentido a um texto. Assim, a coerência é considerada “a interpretação psicológica de um texto para criar um esquema consistente, imagem mental do mundo” (Goatly 2012: 318), enquanto coesão é classificada como um subtipo de coerência baseado em tipos particulares de relações de sentido: “Coerência que depende de características do texto, tais como expressões co-referentes ou relações sensoriais (sinonímia, hiponímia, etc.) é coesão”(ibid .: 318). As declarações citadas são apenas aparentemente controversas e devem ser percebidas como correspondentes e complementares: narrativas coerentes geralmente envolvem uma certa quantidade de repetição e referência cruzada, servindo melhor unidade e (lógica, cronológica, psicológica, etc.) continuidade. Além disso, compreender o texto em contexto envolve uma certa quantidade de trabalho intelectual em dizer e implicar, isto é, decifrar mensagens implícitas, elaborar implicaturas baseadas em quadros convencionais, conhecimento de fundo, esquemas familiares, etc. A esse respeito, a coerência é agora reconhecida como um conceito com múltiplos pragmaticamente determinado.

3.1 Polidez no discurso literário: caminho próprio e "face" satisfatória

O Princípio da Polidez refere-se ao nosso desejo de seguir nosso próprio caminho e manter uma autoimagem pública satisfatória ou "face" (cf. Leech 1983). A aplicação desse princípio na análise do discurso literário suscita

objeções relacionadas ao fato de que o discurso literário impõe sempre a face do leitor em função dos temas abordados. Uma resposta simples e direta é que o leitor sempre pode decidir ler ou não ler um trabalho em particular. No entanto, o elemento interpessoal é proeminente em alguns romances e a relação entre narrador e leitor é muito importante. Assim, podemos observar que o Princípio da Polidez funciona aqui como nas situações da vida real. O autor gasta muito tempo abordando e criando um relacionamento íntimo com o leitor. Exemplos são fornecidos por textos literários em que o narrador se dirige ao leitor diretamente e geralmente através de todo o discurso de um romance ou de um conto. Na teoria literária, esse tipo de relação entre narrador e leitor é chamado de subenredo (Booth, 1961). A seguinte abertura de um conto pode servir como um bom exemplo de uma relação íntima entre o narrador e o leitor:

- *1.Eu quero te dizer uma coisa, eu tenho que contar para alguém. Eu tenho que conversar. De repente, eu entendi que você é a única pessoa que sabe do que estou falando. Já aconteceu com você? De repente você pensa, Meu Deus, isso foi vinte, trinta anos atrás e eu sou a única pessoa que sabe o que realmente aconteceu. (LD: 108)*

Este método de abordar diretamente o leitor continua ao longo do conto. As linhas finais da história implicam a importância de conversar com um amigo próximo; para o narrador esta pessoa muito próxima e única é o leitor. O relacionamento torna-se verdadeiramente íntimo, o narrador faz o leitor se sentir especial (*não há ninguém ... exceto você*) e suas palavras finais implicam que falar ajudou-a e recomenda que o leitor faça o mesmo em algum momento. O rosto do leitor está totalmente satisfeito e nenhuma imposição no rosto é percebida.

- *2. E não há ninguém com quem eu possa falar sobre isso, ninguém que eu possa dizer ... exceto você. Bem, querido, faça o mesmo por algum tempo. (LD: 116)*

A polidez pode ser preservada também em textos literários em que a mensagem é menos amigável ou favorável. Estratégias de polidez positiva e negativa são usadas para salvar o “face” do leitor como em conversas da vida real.

4 Analisando o texto literário como discurso.

A estrutura do discurso literário geralmente compreende vários níveis de representação relacionados ao narrador e ao destinatário, separados por fronteiras ontológicas que impedem que os participantes do discurso em um nível de existência interajam com os participantes em outros níveis. As fronteiras ontológicas entre o real (ou seja, escritores e leitores do mundo real) e o mundo ficcional (narradores de situações narrativas e narrativas, personagens do mundo fictício) têm sido questionados recentemente por muitos pesquisadores e não são mais vistos como rígidos. Deixaremos de lado essas discussões e buscaremos respostas em uma abordagem que implemente efetivamente conceitos e princípios da pragmática à análise textual (literária), vendo-a como uma estrutura discursiva de múltiplas camadas.

Defensores da estilística pragmática vêem sua abordagem como altamente benéfica para a exploração de processos inferenciais envolvidos na interpretação de textos (Clark 2009). A aplicação de ideias da pragmática no campo da estilística possibilita a solicitação de um número de questões que respondem por inferências específicas. Explorando-os, obtemos insights sobre textos individuais, inferências individuais e a natureza da interpretação literária e não-literária. Paralelamente, a coerência é estudada no texto literário, por exemplo, observando as maneiras pelas quais uma inferência é derivada (isto é, antes, durante ou após a interpretação inicial do texto) ou focando nas partes do texto que fornecem evidências para apoiar a inferência. A qualidade da coerência no texto indica quanto suporte para a inferência é fornecido pelo texto. Mais especificamente, uma abordagem estilística pragmática pressupõe a visualização do texto literário como um discurso no qual mensagens específicas devem ser negociadas no processo de cooperação entre o autor e o leitor, considerando o contexto imediato da situação. Como ilustrado pelos exemplos analisados, a ausência de um ambiente natural imediato (necessário para elaborar implicaturas) pode ser superada através do reconhecimento de configurações, situações e contextos ficcionais fornecidos pelo narrador / autor do texto literário. Uma análise estilística pragmática do discurso literário inclui considerações sobre a competência do receptor - sua prontidão para compreender plenamente as mensagens específicas da cultura e uma variedade

de aspectos historicamente e politicamente determinados de uma obra literária. A aplicação de princípios pragmáticos e suas máximas na análise pode ser altamente benéfica para o leitor. Vamos considerar a seguinte mensagem escrita em um quadro negro no metrô de Londres, usada pela equipe do Underground para comunicar seus pensamentos aos passageiros:

- 3. *Você provavelmente está se perguntando por que as escadas rolantes muitas vezes não estão funcionando? Nós diremos a você! É porque elas são velhas e muitas vezes saem de ordem. Desculpa! Tenha um bom dia! (LD: 87)*

O discurso desta mensagem ilustra os princípios de cooperação e polidez no trabalho: o autor da mensagem cumpre o princípio de cooperação e respeita a máxima da qualidade - ele está dizendo a verdade e na primeira sentença ele usa uma sebe para indicar que pode estar errado. Ele também respeita a máxima quantitativa e é relevante na fala. A máxima da forma pode ser considerada dentro do conceito de relevância e aqui o ponto de vista do destinatário é importante. Do ponto de vista do narrador, a máxima da Maneira é correta - *lamentamos, mas não podemos fazer nada sobre o problema*. Do ponto de vista do destinatário, essa não é uma explicação relevante - quero usar as escadas rolantes, pago pelo ingresso e quero que elas funcionem quando eu corro para o trabalho. Esta discussão destaca a importância do quadro delineado do discurso, bem como do contexto e situação fornecidos pelo narrador do conto. O princípio da polidez também é aplicável: a mensagem emprega expressões comumente consideradas como educadas, como deve, desculpe, etc., e atos educados de fala, como desejar um bom dia. No entanto, considerando o contexto do discurso dado, esses elementos implicam humor e ironia. Como leitor, posso achar engraçado que alguém responsável pela situação use a acusação como uma forma de desculpas. Um verdadeiro destinatário real da mensagem, ou seja, um passageiro do metrô, provavelmente perceberia isso como irônico e indelicado, e até mesmo ameaçador. O exemplo ilustra que o humor frequentemente se sobrepõe à ironia. Ao contrário do humor, a ironia nem sempre cria risadas. Pode ser apreciado pelos destinatários se eles compartilham o mesmo ponto de vista. O exemplo (4) mostra que os receptores que estão próximos uns dos outros e compartilham o mesmo ponto de vista

podem perceber e até apreciar o humor e a ironia como um modo particular e íntimo de comunicação.

- 4 *"Você sempre disse que se casaria por dinheiro".*

'Sim eu fiz. E eu estou. Mas eu não me casaria com ele se não me sentisse assim sobre ele. "Mas você se sente assim sobre ele porque ele é tão elegível?", Indagou Joan, rindo.

'Provavelmente. Mas qual é o problema com isso?

Você se casaria com ele se ele fosse pobre?"

As irmãs estavam agora inclinadas para frente, rostos próximos, rindo e cheios de prazer. (LD: 105)

O diálogo no Exemplo (4) ilustra uma conversa da vida real e, como ela corresponde à nossa experiência do discurso falado, podemos aplicar princípios e máximas pragmáticos como de costume. O cenário fictício do conto e a situação particular (a conversa acontece num restaurante do aeroporto) e o contexto (duas irmãs passam um tempo juntas e, como uma delas tem mais de uma hora para esperar antes de pegar um vôo, elas estão apenas conversando, desfrutando de estar juntas) fornecido pelo narrador substitutos para o ambiente natural imediato necessário para compreender e interpretar o discurso literário. A aplicação do Princípio Cooperativo e suas máximas nos permitem ver a estreita relação entre duas irmãs e a diversão e o prazer que elas obtêm ao se verem. Ambos os oradores respeitam o Princípio Cooperativo e suas máximas, uma delas "desempenhando" o papel de uma irmã mais velha e mais responsável. A afirmação de que você sempre disse que se casaria por dinheiro é um ato de fala indireto, uma pergunta implícita, que está sendo respondida completamente para fornecer informações o mais exatas possíveis. A resposta indica uma tentativa de respeitar a máxima de qualidade. A sebe provavelmente na resposta subsequente indica que o falante respeita a máxima de qualidade; ela quer responder com sinceridade e, ao mesmo tempo, demonstra consideração e hesitação com a resposta. Quando a irmã mais velha pergunta de uma maneira mais direta, a resposta não é verbalizada, mas entendemos o significado implícito - a risada significa "não". As anotações do narrador sobre

suas reações (riso, prazer, inclinação para o outro, etc.) fornecem pistas importantes e necessárias, que permitem ao leitor elaborar as implicaturas. Por um lado, as perguntas implicam um verdadeiro interesse na felicidade de sua irmã e também opiniões diferentes sobre o que constitui um estilo de vida aceitável. Por outro lado, o modo como as irmãs se comunicam e como usam o humor e a ironia como meio de cooperação mostram seu relacionamento próximo. É a irmã mais nova que fala em tom mais leve e transforma a conversa e o tempo que passam juntos em puro prazer.

As irmãs estão lisonjeadas, entretidas e divertidas porque a ironia usada pela irmã mais velha é gentil e não se transforma em sarcasmo. Em outras palavras, suas perguntas não causam ofensa e permanecem como o que geralmente é chamado de zombaria amigável (cf. Leech 1983).

5 Texto literário, contexto e literariedade.

Explorando propriedades distintivas do discurso literário, consideraremos brevemente os debates acadêmicos sobre o discurso literário, que tradicionalmente focam a interpretação centrada no texto (isto é, uma abordagem hermenêutica) ou adotam uma abordagem contextual. Parece que a principal intenção aqui é propor certos critérios ou colocar requisitos na produção e recepção literária. No entanto, essas discussões abordam os problemas de interpretação e significado literário apenas marginalmente, e a maioria deles desconsidera as respostas dos leitores ao texto literário. Não é nosso objetivo aqui discutir os problemas estudados na crítica literária em detalhe e complexidade. No entanto, certas questões precisam ser incorporadas em nossa discussão sobre o que é discurso literário e se resulta em um tipo de leitura diferente daquela estudada no processamento do discurso em geral. Para delimitar eficientemente o escopo desta discussão, vamos nos concentrar em três questões específicas: o papel do leitor, o papel do gênero e as principais qualidades distintivas (se houver) da literatura (cf. Miall 2002). Apesar do fato de que alguns teóricos respondem ao leitor que logo transferiram sua atenção do leitor para questões de cultura e história, acreditando que os leitores pertencem a uma comunidade interpretativa particular (cf. Fish, 1980), muitas das questões levantadas são de considerável interesse. Por exemplo, Schmidt (1982) dirigiu

seu estudo de maneira diferente e focalizou as convenções da leitura, distinguindo entre uma estética e a chamada convenção de polivalência. A convenção de polivalência é vista como estando em oposição à monovalência; supõe que, em um contexto literário, os leitores reconhecem a possibilidade de múltiplas interpretações do mesmo texto (cf. Miall 2002: 324). Essa capacidade dos leitores de reconhecer a polivalência na interpretação do texto pode ser bem explicada em termos pragmáticos, como o envolvimento do leitor no processo inferencial. O estudo de processos inferenciais tem sido comprovado como a maneira mais benéfica pela qual a estilística pragmática se sobrepõe ao estudo literário, esclarecendo questões de interpretação literária, crítica literária e valor literário. A seguinte afirmação de um estilista pragmático ilustra a natureza dos processos inferenciais: o leitor considera e reconsidera múltiplas interpretações para finalmente chegar a (a partir de seu ponto de vista) a interpretação mais precisa de um texto, juntamente com uma apreciação de seu recém descoberto valores literários:

*"Algumas vezes achei que não pensava muito em um texto em particular e depois me vi pensando nele várias vezes até mudar de ideia e decidir que era mais significativo para mim do que imaginava. A "aderência" relativa das inferências pode muito bem ser um fator importante na determinação de como o "valor" literário é adquirido por um texto. "(*Clark 2009: 5). Outra convenção significativa nos estudos literários é a do gênero (cf. Seção 6). É geralmente assumido que as características de um texto são determinadas pela sua forma genérica particular: o gênero se concentra nas qualidades e estruturas específicas do texto. Mudando de seu papel descritivo para um explicativo, a categoria do gênero "incorpora certos papéis sociais que governam a relação entre o texto e o leitor" (Miall 2002: 325). Muitos autores expressaram seus pontos de vista sobre o gênero, assumindo que "não há texto sem texto" (Derrida 1980: 65). Nesse aspecto, o gênero pode ser entendido como o contexto definidor de todo comportamento textual, literário e não-literário. Portanto, podemos dizer que o gênero determina o comportamento textual de um falante em cada situação, contexto ou esfera particular. A variação linguística que se correlaciona com a situação, a configuração social e o papel social é conhecida como registro. Assim, podemos supor que o gênero governa o registro: a

categoria do gênero determina o uso de um registro particular em qualquer texto dado, o uso de características semânticas e sintáticas reais que criam a situação comunicativa dada, juntamente com o papel e a atitude do falante (cf. Halliday 1978). Como os gêneros de estruturas de discurso são caracterizados por tipos de gramática ou esquemas de história, eles especificam modelos de situação característicos de um dado texto literário e permitem aos leitores prever como o texto provavelmente se desenvolverá. Isso proporciona espaço para estudos empíricos mais complexos sobre a leitura de textos literários, envolvendo um debate sobre “se os textos literários desfrutam de algum status ou literariedade distintivas” (Miall 2002: 326).

O termo literariedade originalmente implicava que existem textos literários que mostram certa distinção de outros tipos de texto. O estudo da literariedade atraiu a atenção de gerações de estudiosos. Mais recentemente, enfatizou-se a ideia de uma natureza convencional da literatura e, consequentemente, a ideia de que os textos literários são distintos pela qualidade de características específicas, descartados. Como demonstrado na estilística pelo extenso trabalho analítico em uma variedade de tipos de texto, aspectos formais da linguagem não podem garantir um significado estável e nenhum aspecto da linguagem pode ser rotulado como formal (cf. Miššíková 2009, 2011).

No domínio empírico, estudiosos estudaram processos cognitivos, apontando que eles se aplicam igualmente à nossa compreensão do texto e recusando a ideia de que processos cognitivos específicos ou distintos estão em andamento quando o texto literário é interpretado. Como enfatizado por van Dijk (1979: 151), temos que “estritamente negar a natureza completamente 'específica' da assim chamada 'interpretação literária'” e ver diferenças em termos de funções pragmáticas e sociais da literatura.

5.1 Abordagem da estilística cognitiva

Estudos modernos em estilística cognitiva revelam descobertas interessantes sobre os processos cognitivos pelos quais os leitores respondem a aspectos particulares de textos (literários).

A abordagem da estilística cognitiva permite a exploração de maneiras pelas quais os leitores se envolvem ativamente no processo de dar sentido ao que lêem e, muitas vezes, a leitura crítica é necessária para decifrar corretamente toda a complexidade dos significados implícitos (cf. Verdonk 2002). Teoricamente fundamentado na crença de que os leitores são ativos no processo de construção de significado, ele trabalha com várias noções estreitamente relacionadas, notavelmente a noção de 1) distinção psicológica entre processamento ascendente e descendente em relação à compreensão do texto, e a concepção 2) teoria do esquema (cf. Jeffries e McIntyre 2010).

Ambas as noções estão intimamente relacionadas com a exploração da coesão e coerência no texto. Estudados em psicologia, os processos mentais de integração e inferência foram introduzidos como relacionados ao reconhecimento de ligações coesivas e ao estabelecimento de coerência em textos. A complexidade da coesão e coerência influencia diretamente a compreensão dos leitores sobre as estruturas de texto. Como observado pela primeira vez por van Peer (1989), no processo de analisar a percepção humana de textos e mensagens codificadas em estruturas linguísticas, a noção psicológica de inferência e integração é usada para descrever o processo de completar um texto. A tabela a seguir é adaptada de um de seus artigos clássicos sobre leitura e compreensão de textos literários (van Peer, 1989):

TEXTO

Falta

Referência de texto externo	Relações texto-interno
⇓	⇓
Coerência (Incompleta)	**Coesão** (incompleta)
⇓	⇓
Estratégia top-down	Estratégia bottom-up
↕	↕
Inferência	**Integração**

Do conhecimento de empacotamento do mundo e armazenando na memória para uso posterior, por exemplo em interpretação de textos (literários), é capturado em uma série de estágios onde elementos particulares de conhecimento são identificados e denominados como esquema, roteiros e quadro. Mas um breve comentário sobre o acionamento de esquemas é relevante aqui. Os leitores geram imagens de mundos fictícios com base em sua percepção de várias pistas fornecidas em um texto. Essas sugestões funcionam como gatilhos que ativam aspectos dos leitores pré-existentes no conhecimento do mundo real enquanto eles lêem. Isso permite que eles construam representações mentais do mundo do texto (cf. Jeffries e McIntyre 2010: 127). Mais especificamente, os chamados cabeçalhos podem ser identificados nos quatro tipos seguintes: cabeçalhos de pré-condição, cabeçalhos instrumentais, cabeçalhos de código de idioma e cabeçalhos de conceituação interna (ibid .: 129). No Exemplo (5), dois cabeçalhos iniciais (seguintes referências a locais) podem ser identificados como o acionamento de um script básico de VISITANTE / ENTREVISTA RESIDENTE. Isso é especificado por cabeçalhos adicionais. Uma vez que reconhecemos dois ou mais cabeçalhos, chegamos ao desencadeamento de um esquema particular; dois e mais cabeçalhos instanciam um esquema (Jeffries e McIntyre 2010: 129). O esquema final a que chegamos é *"um visitante estrangeiro sendo questionado pelo residente local em uma pousada".*

- *5 "Um estouro de estrela encheu brevemente a tela, indicando um interno de anúncios."*

…

Ele ficou encantado ao descobrir que eu era americano. "Eu sempre quis ver a América", ele disse. "Diga-me, você tem Woolworth?"

Bem, na verdade, o Woolworth é americano.´

"Você não diz", ele disse. 'Você ouviu isso, coronel? Woolworth é americano. O coronel parecia indiferente a essa inteligência. "E os flocos de milho?"

"Eu imploro seu perdão?" (BB: 23)

As referências a locais em que o script pode ser ativado podem ser vistas como cabeçalhos de localidade, como "*Uma explosão de estrela encheu a tela brevemente, indicando um interno de anúncios*", um acionamento de uma LOUNGE (ou sala de TV) script. A frase *"Ele ficou satisfeito em saber que eu era americano"* é um pré-requisito para o envio de um roteiro de VISITANTE / ENTREVISTA RESIDENTE. A invocação de outro script por uma ação específica, como *"Você ouviu isso, Coronel?*", Pode ser vista como um cabeçalho instrumental que aciona um script mais específico: CONVERSÃO DE RESIDENTES ESTRANGEIROS / LOCAIS. Todas as referências a ações e funções do roteiro podem ser denominadas como cabeçalhos de conceituação interna, como comentários sobre outros participantes, por exemplo, *"O coronel parecia indiferente a essa inteligência"* e seus enunciados, por ex. *"Você não diz!", "Eu imploro seu perdão"* Resumindo, temos conhecimento de empacotamento do mundo e armazená-lo na memória para uso posterior, por exemplo, na interpretação de textos (literários), são capturados em um série de etapas em que determinados elementos do conhecimento são identificados e denominados como esquema, scripts e frame. Discutimos a teoria dos quadros e sua aplicação na análise estilística em nossos trabalhos anteriores (cf. Miššíková 2007, 2009), mas um breve comentário sobre o acionamento de esquemas é relevante aqui. Os leitores geram imagens de mundos fictícios com base em sua percepção de várias pistas fornecidas em um texto.

5.2 Isotopia como subtipo de coerência Baseada em nossa discussão sobre na teoria dos esquemas, podemos dizer que os leitores fazem sentido de um texto "estabelecendo um esquema coerente ou script que explique os significados de um texto" (Goatly 2012: 101). Este esquema coerente é referido como isotopia - reside na estabilidade das características contextuais, cujas variações (isto é, padrões de repetição ou contraste em todos os níveis) ajudam a confirmar a unidade do texto em vez de destruí-lo. O termo foi originalmente introduzido por Greimas (1966), que emprestou o termo da física nuclear, e cuja definição inicial foi baseada em um conceito de repetição também chamado de recorrência ou redundância. Uma análise dos padrões de repetição e suas funções em um texto literário mostra que todos os padrões separados de repetição, tomados em conjunto, constroem novos e maiores padrões de coerência temática. A isotopia

é um conceito útil para estabelecer padrões de coerência temática. Greimas se concentrou na semântica, seu conceito de isotopia considerou apenas os semes de repetição, enquanto sua definição enfatizava o papel da isotopia em possibilitar uma leitura uniforme de uma história e resolver ambiguidades. Assim, uma isotopia é uma sequência de expressões unidas por uma denominação semântica comum . Como observado por Nöth (1995), quando um discurso tem apenas uma interpretação, sua estrutura semântica é uma simples isotopia. Por exemplo, no Exemplo (6) o leitor considerará os significados convencionais de palavras que sugerem uma série de roteiros comumente reconhecidos (DIA ENSOLAR / DEPOIS DA CHUVA, PESSOAS SEM CÃES, ATIVIDADES CUSTOMÁRIAS DE TEMPO DE LAZER, etc.), instanciando um esquema final 'visitantes em um café' :

- 6 *Vinte minutos após a chuva parar, os primeiros visitantes entraram no café. Eram duas mulheres idosas e um labrador sorridente, muito em casa, pois foram direto para uma certa mesa nos fundos, e o cachorro ocupou seu lugar na faixa gramada sem um comando*. (LD: 26)

Em um discurso literário, essa cena desempenha um papel como parte de uma estrutura maior e interpretações adicionais são possíveis; no entanto, expressões figurativas ou idiomáticas como "sorrindo Labrador" e "muito em casa" são facilmente entendidas através de restrições de seleção que acontecem de forma bastante espontânea aqui. A isotopia nesta pequena amostra de texto (isto é, a sequência de expressões semanticamente relacionadas) indica o (um) tema do tempo de lazer gasto agradável e habitualmente. A simultaneidade de duas leituras, como em ambiguidades ou metáforas, é chamada de bi-isotopia. A capacidade de um leitor médio de perceber simultaneamente dois níveis de significado é moldada por seu conhecimento e experiências de fundo, familiaridade com os contextos sociais e culturais dados, e também pelo que é usualmente referido como a maturidade ou competência de um leitor. Nos exemplos abaixo, o narrador é um menino com Síndrome de Asperger que não é capaz de entender significados abstratos, figurativos ou associativos, nem de entender relações contextuais e significados implícitos, e não tem capacidade de reconhecer o humor ou a ironia. Ele não tem

capacidade de selecionar recursos semânticos redundantes ou repetidos, as restrições de seleção são desabilitadas e ele precisa receber uma informação exata e particular de dados / informações por vez. No Exemplo (7) ele explica sua visão da metáfora:

- 7 *Eu acho que deveria ser chamada de mentira porque um porco não é como um dia e as pessoas não têm esqueletos em seus armários. E quando eu tento e faço uma imagem da frase na minha cabeça, isso me confunde porque imaginar uma maçã no olho de alguém não tem nada a ver com gostar muito de alguém e isso faz com que você esqueça o que a pessoa estava falando. (HM: 20*)

Textos humorísticos e piadas baseados em referências cruzadas, oposições de roteiro e ambiguidade semântica fazem com que ele se sinta desconfortável. Ele confessa que não pode contar piadas porque não as entende. Em Exemplo (8), ele reage ao fato de entender por que a piada *"Seu rosto foi desenhado, mas as cortinas eram reais"* é para ser engraçada (ele fornece uma excelente análise semântica da polissemia e referência cruzada usada em uma piada) mas ele ainda não acha engraçado porque:

- 8 *Se eu tento dizer uma piada para mim mesmo fazendo a palavra significar as três coisas diferentes ao mesmo tempo, é como ouvir três músicas diferentes ao mesmo tempo que é desconfortável e confuso e não é bom como o ruído branco. É como se três pessoas tentassem falar com você ao mesmo tempo sobre coisas diferentes. (HM: 10*)

Até certo ponto, existe um paralelo aqui com falantes (não nativos e nativos) que não possuem um conhecimento mais amplo de background cultural; sua incapacidade de reconhecer contextos situacionais sociais específicos, idiossincrasias regionais ou locais faz com que eles interpretem mal ou até entendam mal o discurso humorístico, piadas, trocadilhos, propagandas, comerciais de TV, etc. A superposição de vários níveis semânticos em um texto é chamada de pluri- ou poli- isotopia (Nöth 1995: 319). A poliisotopia requer certa cooperação entre o narrador e o leitor e pode ser explicada também em termos pragmáticos (ver as seções 3 e 4 acima). Da mesma forma que a conversação

falada, em um texto literário o autor pode violar máximas conversacionais com o objetivo de enganar o leitor. O exemplo (9) representa a não observância da máxima e inferências sobre um personagem em um romance (Lily) e como seu modo de vida pode ser entendido pelo leitor:

- 9 *Ouça: Tia Lily sabe como realmente é. O ar é livre. Você sabe disso? Bom para você. OK. A comida é grátis. Ah, você não sabia disso! A comida está empilhada em todos os lugares - em prateleiras, em grandes pilhas e pilhas no chão, em caixas, sacos e latas. Você quer isso, você nomeia isso - é seu. (BM: 193)*

O leitor infere que Lily nos engana dizendo que roubar é normal. Um significado implicado é que ela finge ser livre e feliz. O autor, assim, intencionalmente comunica uma implicatura de que viciados em drogas criam sua própria visão de mundo e adotam algum senso estranho de moralidade (cf. Miššíková 2011). Como afirma Goatly (2012: 101), em textos literários "isotopia é uma maneira de eliminar ambiguidade, e as restrições de seleção têm um papel importante a desempenhar, porque elas são um tipo de redundância ou característica". A decisão do leitor sobre qual característica ou nível de significado é redundante ou repetido espelha sua capacidade de reconhecer (mais ou menos sofisticados) contextos culturalmente enraizados e baseados na cultura. Isso pode explicar por que textos ambíguos aparentemente não coerentes são bem recebidos por alguns leitores. O exemplo a seguir ilustra o tipo de discurso literário em que o conhecimento efetivo de contextos históricos, culturais, políticos e sociais específicos é crucial para o entendimento correto. Uma certa familiaridade com a cena política britânica é necessária (implicaturas que levam ao partido conservador, como o falante é "conservador" em suas opiniões políticas) e também sugestões fornecidas pelo contexto mais amplo do romance (por exemplo, se sabemos que o falante é preto, percebemos o uso de linguagem expressiva de maneira diferente.)

- *10 Você pode perguntar o que um Tory como eu está ajudando os invasores? Uma mente conservadora adequada, não uma de suas pessoas mais enxutas e do meio da estrada. Se eu fosse do meu jeito, todas as trevas seriam mandadas de volta para casa. Por que não? Eles têm sua cultura, nós temos a nossa. Se você soubesse o número de*

pessoas que eu fiz e que se viram presas no meio do feijão caribenho e que era Bristol City vinte anos atrás, você também. E reduzir a segurança social e tudo isso. (BM: 162)

Além disso, o complexo experiencial pessoal pode "garantir" que dois leitores não percebam e interpretem um texto literário de forma idêntica. O exemplo (11) seria entendido de maneira diferente por europeus do leste e americanos (nativos), dependendo de suas características sociais (idade, educação, status social, experiência de viagem, etc.).

- *11 'Você precisa dos líderes de ambos os lados para manter o guerra fria indo. É a única coisa constante. É honesto, é confiável. Porque quando a tensão e a rivalidade chegam ao fim, é quando os seus piores pesadelos começam. Todo o poder e intimidação do estado se esvairão de sua corrente sanguínea pessoal. Você não será mais o principal - o que eu quero dizer? "(DLD: 170)*

Supomos que os leitores, em seus esforços de criação de significado, tomem decisões entre dois ou mais esquemas isotópicos em termos de sua saliência. Eles selecionam de diferentes aspectos do que sabem sobre o assunto apresentado em um texto e geralmente optam por aquele que é menos saliente. Uma exploração da interface entre essas restrições de seleção e co-texto está enraizada no estudo semântico e na análise componencial, mas os resultados são efetivamente aplicados na análise de textos (narrativos literários) .

Uma abordagem funcional do gênero e do registro.

Pelo gênero (mais amplo) e características (mais específicas) de registro, devemos agora adotar uma abordagem funcional para explicar o registro como parte coerente da estrutura genérica da narrativa. Implementamos a visão de Halliday das funções interpessoais e textuais da linguagem (cf. Halliday 1973), concebendo-as de acordo com Leech e Short (2007) como questões de pragmática e retórica, ou seja, "maneiras pelas quais os usuários implementam o código cognitivo e ideacional". Linguagem para fins comunicativos"(Leech e

Short 2007: 168). Em nossa discussão sobre gênero e registro, é útil distinguir os meios explícitos que são usados para costurar um texto - referido como coesão - a partir do esquema consistente de significados psicologicamente integrados de um texto, comumente referido como coerência. Notando aqui que às vezes a coerência pode ser alcançada pela coesão, mas nem sempre. Por inferência, podemos fazer um texto coerente a partir de um texto não coeso: podemos inferir o significado de um texto a partir de uma informação dada em um texto cujos elos coesos são incompletos ou inexistentes. Podemos pensar em um enunciado curto, como *"Eu tive que sair cedo de manhã. Pelo menos, não estava congelando durante a noite, pois faltavam links coesos, exceto a coesão lexical criada pela antônimos entre "manhã" e "noite*". No entanto, ao fornecer a informação que eu tive para levar o meu carro antigo, que tem problemas com o motor de arranque no tempo gelado, somos capazes de fazer um texto coerente a partir deste não-coesivo. Um dos principais conceitos teóricos na tradição funcional sistêmica é o do gênero. O gênero é considerado como um conceito mais amplo que compreende o registro como a representação da personalidade do falante (sua ocupação, interesses profissionais, papel social na comunicação, etc.) através do uso da linguagem. O uso da linguagem pelo falante se correlaciona com o contexto e a situação, mas também reflete seu papel social no discurso: a partir de um discurso social e enraizado, inferimos não apenas o significado conceitual, mas também extraímos informações sobre o falante - sua ocupação, especialização, background social. etc. Nesse sentido, gênero é um conceito mais amplo e inclui também variantes de contextos e discursos acima do nível da sentença. Goatly usa o termo como “Genre = Register + Structure” (Goatly 2012: 143). Os conceitos de gênero e registro são de grande importância na exploração repetição semântica. Coerência. Um gênero é um evento estruturado; seu ordenamento particular de elementos é refletido na estrutura do discurso, como narrativas (literárias), poemas ou artigos de revistas e anúncios. As visões modernas sobre o gênero enfatizam sua função social e especificidade cultural. Martin (como citado em Goatly, 2012: 149) vê o gênero como “o processo social proposital encenado através do qual uma cultura é realizada na linguagem”. Assim, a estrutura genérica da narrativa pode ser vista como abrangendo aspectos sociais específicos e contextos

culturais. Vamos agora considerar os elementos da estrutura narrativa (isto é, abstrato, orientação, ação complicadora, resolução, e avaliação; cf. Labov 1972) e suas características de registro em relação ao seu papel no estabelecimento da coerência na narração. Para introduzir a história antes que a narração real comece. Aumenta a coerência capturando a "essência" da história e unindo a narrativa à conversa anterior. O registro refletirá o status social e o background cultural do narrador. A orientação fornece informações sobre a hora e a localização, as situações e as pessoas e atividades em que eles se envolvem. À medida que a narrativa começa, a referência está em ação (daí a típica uso de advérbios e formas progressivas de verbos) facilitando a coerência como um processo de construção de significado proposital. Por exemplo:

- *12 Era de manhã cedo. Eu estava andando no Lincoln sedan do Dr. Asa Breed. Eu estava vagamente doente, ainda um pouco bêbado da noite anterior. A Dr. Breed estava dirigindo. Faixas de um sistema de trolley há muito abandonado continuavam a prender as rodas de seu carro. (VK: 27*)

Similarmente ao abstrato, o elemento de orientação não é compulsório, mas é frequentemente usado em narrativas. Os elementos mais essenciais em uma narrativa são a ação complicadora e a resolução. O exemplo a seguir é uma narrativa curta que compreende várias cláusulas (tipicamente no passado simples ou simples) descrevendo uma série de eventos ligados de uma maneira cronológica:

- *13 Do nada apareceu um grupo de repórteres; eles se reuniram em torno de Freud e gritaram perguntas, principalmente em alemão. Ele respondeu com bom humor, mas parecia perplexo que uma entrevista deveria ser conduzida de maneira tão casual. Por fim, Brill enxotou-os e me puxou para a frente. (RJ: 11)*

A ordenação é principal em um gênero narrativo: a ordem inversa das orações levariam a diferentes interpretações (ou confusão). As últimas orações da narrativa encerrando a sequência de ações criam a resolução, por exemplo.

"Finalmente Brill enxotou-os e puxou-me para a frente" no Exemplo (13). A forma completa da narrativa traz o leitor de volta do passado para o presente da conversação. Tem a função oposta à do resumo. A transição para o presente é geralmente sinalizada por uma mudança de tempos (e advérbios de tempo). Consideremos o sentido da conclusão e a mensagem implícita no parágrafo final de um romance:

- *14 o próprio Freud nunca teve a satisfação que se poderia esperar do sucesso da psicanálise neste país. Mistificando seus colegas, ele chamou Smith Ely Jelliffe de criminoso. Suas idéias podem ser famosas na América, ele disse, mas elas não foram compreendidas. "Minha suspeita sobre a América", Freud confidenciou a um amigo no final de sua vida, "é inconquistável". (RJ: 521-2)*

Os elementos da estrutura narrativa discutidos acima ocorrem tipicamente em uma ordem particular. No entanto, a avaliação pode ocorrer em qualquer lugar entre o resumo e a forma, como no Exemplo (14), onde a avaliação é parte da forma. Os padrões de significado textual no discurso literário formado de acordo com o registro e gênero discutidos acima ilustram como relações semânticas entre palavras criam coesão e coerência. Já mencionamos a referência como um dispositivo de construção de coerência, mas a co-referência também é usada para construir coerência em um texto. Em primeiro lugar, temos de salientar que existem casos simples de co-referência que não têm qualquer interesse especial pelos estudos linguísticos. Frequentemente ocorrem em falas, onde duas ou mais palavras se referem ao mesmo item e onde os falantes envolvidos sabem a que se referem, mas os outros participantes podem estar confusos e perceber a conversa como não coerente. A noção de co-referência torna-se relevante quando estudada em jogos de palavras usados em manchetes de jornais, textos humorísticos e piadas, porque mostram “como formas linguísticas podem ser usadas para obter leituras que identificam a mesma entidade mais de uma vez” (Safir 2005). Aqui, nem sempre é fácil para o leitor julgar se duas expressões são co-referentes ou não, e a compreensão desses textos depende das suposições dos leitores de que algumas frases repetidas são co-referenciais. Eles precisam procurar pistas na complexidade de um texto porque as orações

finais podem trazer pistas significativas. A seguinte frase emprestada de Goatly (2012: 201) implica interpretação humorística quando o leitor assume que o pronome anafórico se refere à última frase nominal combinando em número e gênero: quando ele pronunciou a palavra, ele baixou a voz, e ela não entendeu bem. As referências catafóricas atraem contextos mais explícitos depois que o pronome e a interpretação inicial do leitor (evocada pela primeira vez por referência anafórica) são reconsiderados. Por exemplo, frases como *"Se você estiver usando um de nossos processadores únicos e não souber, confira nossa lista de mais rápido e mais lento para descobrir*" geralmente ocorrem em discursos informais (falados ou escritos). As ambiguidades implicadas nesses textos muitas vezes criam humor e, como tal, são elaboradas propositadamente em registros não literários.

7 Conclusões

Em nossa discussão sobre coerência no discurso literário, focalizamos principalmente a percepção de textos narrativos, como romances e contos. Em concordância geral com os trabalhos teóricos fundamentais no campo, afirmamos que: a) a coerência é uma qualidade crucial da estrutura narrativa (Toolan 2012), b) a resposta do leitor, gênero e características distintivas da literatura são questões importantes no delineamento do discurso literário (Miall 2002) e c) negamos a natureza específica da interpretação literária, afirmando que o processamento cognitivo do discurso literário é o mesmo que em qualquer outro tipo de discurso (van Dijk, 1979). Juntamente com esses pressupostos, propomos considerar contextos sociais e aspectos pragmáticos das estruturas narrativas, levando em consideração características específicas de gênero e registro, observando que as características formais do texto não garantem seu amplamente aceite que “a coerência é, em última análise, uma qualidade determinada de forma pragmática” (cf. Toolan, 2012). Assim, através de nosso trabalho com narrativas literárias, propomos um arcabouço analítico que combina efetivamente métodos de análise textual e discursiva, explorando características em primeiro plano (registro) e (retóricas e estilísticas) em todos os níveis discursivos, desde a semântica do texto até o pragmático e sócio. -

dimensões culturais do discurso literário (Verdonk 1995). Olhando mais de perto as estruturas das frases, a ambiguidade e os componentes semânticos dos itens lexicais, conseguimos identificar casos específicos em que a coesão pode ser classificada como um tipo de coerência, bem como exemplificar tipos de coerência criados com base em elos coesos. (por exemplo, co-referência). A abordagem apresentada extrai sua teoria de três campos principais de estudo linguístico. Primeiramente, a abordagem da linguística funcional sistêmica (cf. Halliday, 1978) foi considerada. Refletimos sobre as funções interpessoais e textuais da linguagem na definição de gênero, considerando-o como um conceito mais amplo que abrange a estrutura de registros e discursos (cf. Goatly, 2012). Em segundo lugar, a abordagem da pragmática (cf. Leech 1983) e da estilística pragmática (cf. Leech e Short 2007, Clark 2009) mostrou-se altamente benéfica no estudo dos processos inferenciais na interpretação discursiva literária, revelando a complexidade dos problemas na a parte do leitor e do narrador (por exemplo, a capacidade e envolvimento do leitor no processo de criação de significado, criação e valor literário do valor, etc.). Por último, mas não menos importante, o estudo dos processos cognitivos no discurso literário (cf. van Dijk, 1978) e as estilísticas cognitivas (cf. Toolan 2012, Jeffries e McIntyre, 2010) contribuíram para o estudo da coerência pelo quadro e pela teoria do esquema. As abordagens teóricas da coerência e o quadro analítico proposto neste capítulo, apoiados pelas amostras analisadas de narrativas literárias, reforçam uma visão da coerência como uma propriedade dominante do texto literário. Esperamos ter demonstrado o papel da coerência (e seus subtipos) em níveis discursivos específicos e ter refletido a constante e estreita interação entre coesão e coerência no processo de construção de texto e de significado.

Bibliografia

Beaugrande, R. de and Dressler, W. U. (1981) *Introduction to Text Linguistics*. London: Longman.

Black, E. (2006) *Pragmatic Stylistics.* Edinburgh: Edinburgh University Press.

Booth, W. (1961) *The Rhetoric of Fiction*. Chicago: Chicago University Press.

Clark, B. (2009) ‘The place near the thing where we went that time: An inferential approach to pragmatic stylistics.’ *Topics in Linguistics: Interface between Pragmatics and Other Linguistic Disciplines* 3/2009, 4-11.

Cook, G. (1994) *Discourse and Literature*. Oxford: Oxford University Press.

Derrida, J. (1980) ‘The law of genre.’ *Critical Inquiry* 7, 55-81. https://doi.org/10.1086/448088

Douthwaite, J. (2000) *Towards a Linguistic Theory of Foregrounding*. Torino: Edizioni dell’Orso.